

Brasil não quer superávit só para pagar os juros

RÉGIS NESTROVSKI
Especial para O GLOBO

NOVA YORK — "O Brasil não pode continuar mandando 24 por cento da sua poupança para o estrangeiro, todos os anos, para pagar juros. Não podemos continuar tendo superávits comerciais apenas para pagar juros. Isso não está certo, numa economia que quer crescer. 135 milhões de acionistas do Plano Cruzado estão querendo ver uma resposta positiva dos credores internacionais. Não perdi a esperança na solução do problema da dívida externa." Com este tom, o Ministro da Fazenda, Dilson Funaro, iniciou-seu discurso perante banqueiros, parlamentares e executivos no Encontro sobre Comércio e Dívida, patrocinado pelo Congresso americano, mostrando que o Brasil vai endurecer suas posições frente aos credores internacionais. Numa alusão ao Fundo Monetário Internacional, o Ministro disse que o País rejeita qualquer modelo recessivo.

Funaro disse que "o Brasil não pode ser exportador de capital eternamente. Temos de ter um custo muito menor no pagamento da dívida, se quisermos atender às necessidades dos pobres no Brasil. Eles se pronunciaram nas urnas, há menos de um mês. Assim estamos representando os legítimos interesses de uma Nação".

O Ministro estava visivelmente abatido, depois dos seus contatos, em Washington, com o Presidente do Banco Central americano, Paul Volcker. Segundo fontes bancárias, Funaro não conseguiu o apoio desejado do Governo americano nas negociações futuras do Clube de Paris. Ele começou o dia falando com o Senador William Bradley, que tem uma proposta de esquecer parte da dívida externa brasileira, em troca de importações americanas.

Funaro disse que as negociações com os banqueiros serão de igual para igual, mas que permitam um crescimento da economia brasileira.

— A nossa proposta é a de um crescimento da economia brasileira através de um fluxo de capitais novos. Precisamos disso para continuarmos crescendo. As negociações

serão difíceis e árduas, mas temos de negociar o que seja melhor para o Brasil. Tem de haver um novo relacionamento com os banqueiros e credores internacionais, que mude a atual transferência de recursos do Brasil para o exterior, disse o Ministro em entrevista ao GLOBO.

Se o café da manhã foi com o congressista americano, o resto da manhã, o Ministro Dilson Funaro e o Presidente do Banco Central Fernão Bracher passaram reunidos com banqueiros credores no Morgan Guaranty Trust, 5º maior credor do País. Bracher manteve seus contatos com os banqueiros durante o resto do dia, enquanto o Ministro falava no Hotel Waldorf Astoria. O Presidente do Banco Central retornou a Brasília à noite. Já o Ministro Funaro fica em Nova York até hoje à noite.

A nova reunião do Comitê de Assessoramento da Dívida Externa brasileira está marcada apenas para o próximo mês. Antes disso, o Brasil terá que passar pelo crivo do Clube de Paris em negociações que, ao que tudo indica, não estará presente o Ministro Funaro.

O Senador Bill Bradley gostou da conversa com o Ministro Funaro, mas também acha que a questão da dívida está difícil.

— O Ministro Funaro nos mostrou os efeitos do Plano Cruzado e as declarações do Presidente Sarney, quinta-feira à noite. Estamos com ele, mas precisamos de uma ampla negociação que relate dívida e comércio. Minha proposta é um caminho bom para isso, disse Bradley.

O Ministro Funaro, no entanto, deixou muito claro a relação entre comércio e dívida, em Nova York:

— Mais importações do Brasil, representam menos déficit comercial para os Estados Unidos, mas isto está intimamente relacionado com o pagamento de menos juros. A dívida está nos levando a uma recessão e a uma perda de competitividade. Não podemos mais esperar. Não vão nos parar nas nossas intenções de condições mais justas. Politicamente e moralmente, temos de abrir um novo capítulo na questão da dívida externa, concluiu o Ministro da Fazenda.



Funaro e Mario Brodersohn, da Argentina, ficaram juntos no Congresso realizado em Nova York